

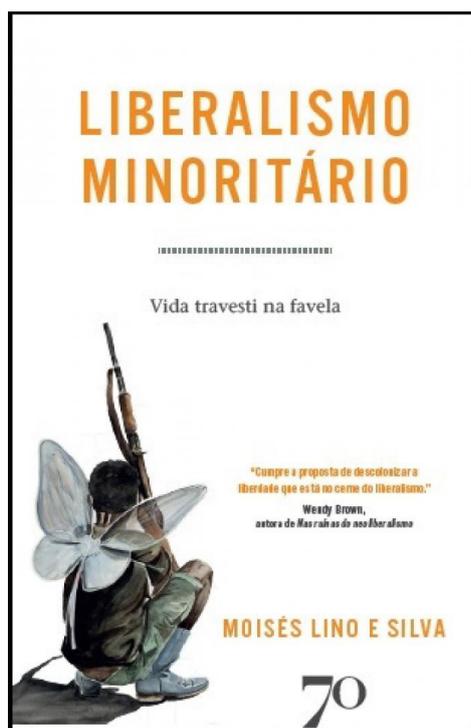
Uma antropologia *queer* do liberalismo: Etnografando liberdades minoritárias na favela da Rocinha

DOI
<http://dx.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.209960>

João Victor Gomes Varjão

Universidade de São Paulo | São Paulo, São Paulo, Brasil
jvgomesvarjao@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-2651-5366>

LINO E SILVA, Moisés. 2023.
*Liberalismo minoritário:
vida travesti na favela*. 1ª
edição. Lisboa/São Paulo,
Edições 70, 316 pp.



ESTRANHANDO O LIBERALISMO: VIVENCIANDO OUTRAS FORMAS DE LIBERDADE¹

“O que acontece quando levamos a sério a possibilidade de o liberalismo ser flexionado por sujeitos considerados desviantes em termos de gênero e sexualidade, subalternos em termos de classe e marginais em termos de poder?” (Lino e Silva, 2023: 13). Essa talvez seja a questão principal levantada por Moisés Lino e Silva no

¹ | O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

seu livro traduzido recentemente para o português, *Liberalismo Minoritário: vida travesti na favela* (2023). Nessa excitante etnografia sobre a favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, o autor debruça-se sobre as liberdades vivenciadas pelos moradores do território, especialmente, pessoas cuja expressão, identidade e/ou performance de gênero e sexualidade desviam-se da cisheteronormatividade – seus amigos *queer* da favela.

Sua análise etnográfica não deriva do que o autor chama de “liberalismo normativo”, cuja base filosófica ocidental se refere a “um conjunto dominante de modos da liberdade baseada na prescrição do individualismo, da autonomia, da propriedade privada e, ao mesmo tempo, da dependência da proteção estatal, como sua marca registrada” (Lino e Silva, 2023: 11). Em paralelo, Lino e Silva etnografa diferentes expressões e práticas de liberdade minoritária, em lugares que não se imaginava existir: no cotidiano de uma favela brasileira. Por isso, afirma o autor, a favela pode ser interpretada como uma heterotopia liberal.

Segundo Foucault (2014), as heterotopias são lugares reais, sociais e historicamente localizados, mas se produzem fora da “norma”. Esses espaços são caracterizados por uma relação ambígua com os territórios que os cercam e uma função específica, justapondo posicionamentos supostamente incompatíveis entre si. Tornando-se um espaço que reflete e desafia as normas e valores da “normatividade”, eles passam a oferecer alternativas de pensar e agir. Lino e Silva (2023) percebe as favelas como espaços heterotópicos do liberalismo onde, embora se presumisse superficialmente não haver liberdade, não param de produzir múltiplas formas de “liberdades minoritárias”.

A obra oferece um desafio à estabilidade desse liberalismo normativo, oferecendo novas formas de pensar a liberdade ou, mais precisamente, deformando essa liberdade normativa a partir das liberdades minoritárias produzidas na favela da Rocinha. Seu esforço é de tornar estranho esse conceito tão difundido, defendido e familiar que é a liberdade e seu aparato normativo. Ao desestabilizar conceitos e propor novas reflexões, Moisés Lino e Silva nos leva a repensar nossas próprias ideias sobre liberdade, e nos convida a construir novos horizontes de pensamento sobre esses temas fundamentais.

QUEBRANDO O PACTO ANTROPOLÓGICO: TORNANDO-SE AMIGO

Como vai se percebendo ao longo do livro, a amizade se torna uma potente relação no trabalho de campo da favela da Rocinha, e o pesquisador constantemente caracteriza seus interlocutores como “meus amigos *queer*”, embora também existam inimizades e relações indesejáveis. A amizade, nas tessituras de sua reflexão, implica e constitui distintas questões éticas que são trabalhadas minuciosamente ao

longo da narrativa etnográfica. Seu ponto de partida é proveniente da questão que irá pairar sobre todo universo da obra: a dramática morte de sua amiga, Natasha Kellem Bündchen, uma travesti que migrou para Rio de Janeiro e definia-se como “uma piranha libertina!”. O livro, afirma Moisés Lino e Silva, é uma forma de honrar sua amizade, de maneira que não foi capaz antes.

Toda costura de sua etnografia partirá de memórias de sua relação com Natasha e de outros amigos *queer* da Rocinha. Essa é uma forma interessante de produção do trabalho de campo e, sobretudo, de construir uma linha narrativa coerente com a experiência. Friso, no entanto, que em vez de se limitar à narrativa individual da biografia de Natasha, Lino e Silva propõe analisar um modo coletivo *queer* na favela, a partir das liberdades vivenciadas por seus amigos e suas amigas *queer* – um *assemblage* entre os modos de vida *queer* e suas liberdades minoritárias.

No esforço de honrar essa história, o antropólogo narra delicadamente sua aproximação com Natasha, em 2009, relação que começou quase como um flerte, um encantamento libertino, e se tornou uma importante amizade em suas vidas. Residindo na Rocinha há alguns anos, Natasha migrou do Ceará, buscando vivenciar a liberdade de ser travesti na “cidade maravilhosa”. Como parte da tradição antropológica, o etnógrafo buscou construir um trabalho de campo profundo e extenso constituído, principalmente, por diversos períodos de estadia na comunidade durante a pesquisa doutoral, entre os anos de 2009 e 2010, idas recorrentes nos anos seguintes, e contatos por meio de redes sociais e por telefone, o que implicou na construção de intimidades particulares entre ele e os moradores da Rocinha. Muito embora Lino e Silva dê ênfase às experiências de seus amigos *queer*, os outros moradores não são ignorados, tornando-se parte fundamental da construção etnográfica, o que demonstra uma complexa relação entre vida *queer* e o cotidiano na favela.

A escrita do autor é baseada em suas aproximações de campo, nas quais ele não hesita em demonstrar suas angústias, medos e dúvidas, tornando-se um dos pontos mais poderosos de sua etnografia. O autor não se furta a refletir sobre sua presença nas relações de campo, como se vê na descrição que faziam dele como “bicha-boy burguesa”, como eram chamados ele e outros homens gays cisgêneros, embora o uso do termo em inglês e sua atribuição à burguesia indique uma crítica ao privilégio do antropólogo branco, externo à favela. Por isso, a análise e suas reflexões não emergem de um momento separado do campo; a produção etnográfica de Moisés Lino e Silva se faz *em campo* e *na escrita*. Constantemente, o autor provoca uma proliferação de narrativas, concepções e opiniões, contrastando diversas vezes os limites de sua compreensão e o estranhamento de suas ideias preconcebidas. O mais belo de seu livro é certamente a possibilidade de ver a etnografia sendo construída em suas mãos, em um delicado trabalho de compreender as experiências, questionar-se e provocar novas possibilidades de se fazer no mundo.

Uma das cenas mais dramáticas narradas em sua etnografia é seu reencontro

com Natasha, em 2012. Ao retornar do trabalho de campo para Europa, onde realizava o doutorado, o autor se viu distante de suas relações da favela, mas buscava resgatar com idas constantes ao Rio de Janeiro. Nesse ano, numa dessas idas, rememorando melancolicamente a área onde costumavam morar, o antropólogo não deixa de pensar em Natasha, sobretudo porque ambos tinham perdido o contato e ele não conseguia a encontrar. Ainda que perguntasse aos seus vizinhos e seus amigos, ninguém sabia seu paradeiro: “As semanas seguintes foram de pura agonia. Circulei dentro e fora da favela. Subi e descii a Rua do Valão várias vezes, deixando recado aqui e ali: — Você viu a Natasha?” (: 68).

O antropólogo só descobriu o paradeiro de sua amiga quando conversou com o primo de Natasha. De acordo com ele, sua amiga brigou com todos, cortou relação com a família “de sangue” e afastou-se dos amigos. Entre os becos e as vielas da Rocinha, Lino e Silva finalmente a encontra, morando com Vavá, um de seus amigos. Natasha não estava bem. Vavá pôs uma cama no centro de sua sala. “Toda a vitalidade dela parecia desbotada quando encontrei minha amiga febril, em cima de uma cama suada” (: 269). Nesse dia, não houve as risadas tão comuns em seus encontros. Encontrá-la em tal estado provocara no autor uma angústia sensivelmente narrada no primeiro capítulo. A suspeita de Vavá e de Moisés era de que Natasha fosse HIV positiva, o que fez o antropólogo considerar levá-la ao hospital e iniciar o tratamento. No entanto, ela recusou. Vavá, na ocasião, perguntou: “O que você vai fazer? Vai forçar a mulher a ir?” (: 81).

A situação de Natasha se agravou e, meses depois, ela faleceu. Os efeitos desse encontro delicado, no entanto, tecem os fios da etnografia. É precisamente percebendo o limite de sua compreensão sobre liberdade minoritária que o antropólogo inverte o jogo, buscando intensamente tornar essas verdades parte de um conhecimento antropológico mais amplo. Esse se torna um momento limiar para o antropólogo, cuja definição descreve como a quebra de seu pacto antropológico, quando a amizade pesou mais que o limite antropológico: “Talvez, ali mesmo, eu tenha quebrado meu pacto antropológico de compreensão mútua e respeitosa com Natasha. Era egoísta o meu desejo de mantê-la viva a todo custo. Eu não conseguia tomar a verdade de Natasha como verdade” (: 82). A amizade e a antropologia encontram-se em uma relação delicada nesse trecho, implicando em uma profunda reflexão que percorre todo corpo de sua etnografia. Como afirma o antropólogo: “Escrevo esta etnografia para tentar corrigir alguns dos meus erros iniciais” (: 82) e, certamente, seu esforço foi exitoso nessa bela etnografia sobre a liberdade na favela da Rocinha.

OS AGENCIAMENTOS TEÓRICOS

Como tem se tornado uma tradição nos estudos sobre sexualidade e gênero nas Ciências Humanas das últimas décadas, o embasamento teórico da obra inspira-se na produção pós-estruturalista, particularmente, de Foucault, Guattari e Deleuze, além de uma vasta produção antropológica internacional, como reflexo de sua formação fora do país. No entanto, o diálogo de obra com a produção antropológica brasileira é, em geral, limitado aos autores mais consolidados da área, de modo que importantes discussões produzidas nos últimos anos são pouco discutidas e referenciadas. Apesar disso, sua formulação teórica-conceitual é particularmente singular, podendo contribuir densamente aos estudos realizados no Brasil.

Assemblage (ou agenciamento, na tradução brasileira), derivado de formulações conceituais de Deleuze e Guattari (2015), é um conceito-chave para a argumentação do autor, tomando-o como uma multiplicidade que se constitui a partir de heterogeneidades, relações e ligações, em seu caso particular, entre vida *queer*, liberdade e território da favela. Ao observar formas de *assemblage* na Rocinha, Lino e Silva demonstra como essas formas minoritárias de liberdade são relacionais e estão sintonizadas com a prática e a materialidade da vida na Rocinha, relacionando distintos territórios. A pesquisa se concentra na observação da vida na favela da Rocinha, no entanto, os *assemblage* dessas liberdades constroem relações que ultrapassam fronteiras, abrangendo territórios múltiplos e, por vezes, transnacionais.

Parte do escopo filosófico deleuze-guattariano, o autor recorre ao conceito de “minoritariedade” como uma relação e uma produção específica em relação à “majoritariedade”. Ao contrário de uma referência quantitativa, a “minoritariedade” tem a ver com uma posição política em relação às forças dominantes. Tendo seus amigos *queer* como pessoas “minoritárias”, o autor está estabelecendo a construção de hierarquias e relação de poder, cuja forma é percebida constantemente em seu campo. O “minoritário” está diretamente relacionado ao “devir” e à possibilidade de construção de linhas de fuga, por isso, seu liberalismo é *minoritário*². Como afirma Lino e Silva (2023: 39), “eu uso o conceito de ‘liberalismos minoritários’ como um termo guarda-chuva para referir-me a todas as condições alternativas, virtuais e reais, do liberalismo para além do tipo normativo”.

Caracterizando-se como um “etnógrafo *queer*”, Lino e Silva não se furta de utilizar criticamente a produção da teoria *queer* contemporânea e decolonial. Proveniente dessa produção e central na análise, é o conceito de “desidentificação” de teórico *queer* José Esteban Muñoz (1999), fundamental na intersecção entre “liberdade” e “minoritariedade” proposta por Moisés Lino e Silva. Segundo Muñoz, a “desidentificação” é um conjunto de estratégias criativas, produzidas por populações minoritárias e desviantes, em relação às forças dominantes, construindo verdades particulares, ou seja, produzindo linhas de fuga em relação à “majoritariedade”. É importante salientar que, apesar de Muñoz ser um dos principais teóricos para os estudos *queer* contemporâneos e suas intersecções, ainda é pouco referenciado nas

2 | Segundo Deleuze e Guattari (2015), a “minoritariedade” possui três características principais: composta por “um forte coeficiente de desterritorialização” (2015: 35), um caráter político e um agenciamento coletivo.

pesquisas brasileiras, havendo uma escassez de traduções para o português.³ Nesse sentido, a etnografia de Lino e Silva poderá contribuir para difusão desse teórico para o público de língua portuguesa.

O autor toma o desejo como um agenciamento fundamental na produção dessas liberdades minoritárias. Esse desejo que se observa na etnografia não é um desejo como falta, a partir de uma epistemologia psicanalista, mas, inspirado em Deleuze e Guattari (2010), produtivo, longe de cessar em contextos de opressão, violência e marginalidade, um desejo que produz criativas formas de existência, que produz linhas de fuga diversas na favela da Rocinha. Somado às liberdades minoritárias, portanto, o desejo toma formas diversas, ambivalentes e produtivas nesse modo *queer* de existência, cuja expressão atinge um dos seus ápices na experimentação e produção dos corpos de seus amigos *queer*, vivenciando intensamente, desfrutando prazeres e buscando testar os limites de suas transformações corporais.

3 | Menciono a tradução de um dos capítulos de seu seminal livro, *Cruising utopia: the then and there of queer futurity* (2009), publicado na Revista Periódica da Universidade Federal da Bahia, intitulada “Fantasmas do Sexo em Público” (Muñoz, 2018).

UMA ESCRITA LIBERTINA

As aspirações da escrita etnográfica de Moisés Lino e Silva são marcadas por inspirações “libertinas”. Em sua tese (2012), cujo trabalho de campo e reflexões preliminares resultaram no seu novo livro, o autor propõe refletir sobre “a dança da liberdade” em um estilo denominado “carnavalesco”, cujo esforço defende “uma carnavalização radical das narrativas de liberdade” (Lino e Silva, 2012: 38), a partir do cotidiano da favela da Rocinha. Como em um carnaval, em sua proposta etnográfica, há uma abundância de pessoas, que entram e saem de cena sem aviso, em um tempo fraturado, na multiplicidade de experiências. A escrita se torna o recurso fundamental para se experimentar uma imaginação, tornando-se central na sua produção.

Semelhantemente, em um trabalho posterior (2015), o autor desafia a expressão etnográfica sobre o prazer, o desejo e a diversão a partir do “strip-tease etnográfico”. Sua preocupação é de que muitas análises da antropologia se tornam análises *clínicas* da sexualidade, sem captar dimensões de prazer, desejo e diversão, que são vivenciadas durante o trabalho de campo. Como um *strip-tease*, cuja exibição envolve o burlesco, o *sexy* e o misterioso, Lino e Silva propõe essa forma particular de escrita para etnografia. O antropólogo defende uma etnografia escrita a partir de “narrativas mais voltadas para a exploração de experiências vividas e o cultivo das dimensões estéticas das práticas sexuais”, que provoquem as sensações, as ideias e os sentimentos vivenciados no trabalho de campo, buscando construir novos horizontes etnográficos para o desejo, o prazer e a diversão (Lino e Silva, 2015: 235).

Esse esforço atinge sua síntese em *Liberalismo Minoritário*, encontrando, talvez, a forma adequada de criar uma rachadura, uma linha de fuga, nos escritos sobre

o liberalismo na antropologia, sem deixar de lado os aspectos do prazer, da diversão e do desejo, mas também da violência, da opressão e da morte. Seu livro é dividido em sete capítulos principais que se produzem em uma experiência libertária sobre etnografia, atravessando os agenciamentos entre os modos coletivos *queer* e a liberdade minoritária, relacionando o prazer, a dor, as leis, a migração, a infância, a prostituição e a morte nessas intersecções da liberdade *queer*. O estilo *libertino* tem aproximação direta com sua sugestão de um estilo carnavalesco, ou seja, no qual um emaranhado de experiências se aproxima nessa produção etnográfica, misturando imagens, opiniões, questões, falas, autores, personagens. O antropólogo consegue com maestria demonstrar os “emaranhados ambíguos” que constituem as liberdades minoritárias na favela, o que considero um dos pontos mais altos do livro.

Argumento, portanto, que Moisés Lino e Silva produz uma forma particular de etnografia, uma escrita *libertina*, constituída por vinhetas que desenharam um quadro mais amplo sobre sexualidade, gênero e liberdade, envolvendo os aspectos emocionais e estéticos vivenciados em seu campo. Libertino, em sua produção, é aquele que vive e experimenta intensamente seus prazeres, como em diversos momentos ele descreve seus amigos da favela. Igualmente, sua escrita pode ser caracterizada como *libertina*, por explorar com intensidade esses desejos que se irrompem e emaranham-se, demonstrando criativamente possibilidades narrativas para experiências ambíguas e complexas. Essa *libertinagem etnográfica* flui em uma sofisticada e provocativa narrativa antropológica, podendo inspirar novas formas de produzir etnografia, abrindo horizontes antropológicos para o desejo.

Essa soma de potências – entre escrita, teoria e um trabalho de campo cuidadoso – resulta em uma instigante etnografia sobre a vida *queer* na favela da Rocinha. Ao desestabilizar conceitos estabelecidos e promover novas reflexões sobre liberdade, vida *queer*, escrita e prática antropológica, o antropólogo convida-nos a expandir nossos horizontes etnográficos, abrindo novas perspectivas para o campo da sexualidade e do gênero. O trabalho de Moisés Lino e Silva, portanto, torna-se fundamental para os estudos nessa área e aponta para a necessidade de se investir em pesquisas que busquem compreender as complexas dinâmicas que permeiam a vida *queer*, especialmente em contextos marginalizados e de vulnerabilidade social, sem negligenciar aspectos relacionados ao prazer, à diversão e ao desejo minoritário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 2012. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. São Paulo, Editora 34.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 2015. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte, Autêntica Editora.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. 2010. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo, Editora 34.

FOUCAULT, Michel. 2015. *Ditos e escritos*, vol. III – *estética: literatura e pintura, música e cinema*. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

LINO E SILVA, Moisés. 2023. *Liberalismo minoritário: vida travesti na favela*. Lisboa e São Paulo, Edições 70.

LINO E SILVA, Moisés. 2015. Queer sex vignettes from a Brazilian favela: An ethnographic striptease. *Ethnography*, vol. 16, n. 2: 223–239. DOI 10.1177/1466138114534335

LINO E SILVA, Moisés. 2014. The Violence of Structural Violence: Ethical Commitments and an Exceptional Day in a Brazilian “Favela”. *Built Environment*, vol. 40, n. 3. 314-25. DOI 10.2148/benv.40.3.314

LINO E SILVA, Moisés. 2012. *Metafreedom: the carnivalesque of freedom in a Brazilian favela*.

St. Andrews (Escócia), Tese de doutorado, University of St Andrews.

MUÑOZ, José Esteban. 2018. Fantasmas do Sexo em Público: Desejos utópicos, memórias Queer. *Revista Periódicus* vol. 1, n. 8: 4-19. DOI 10.9771/peri.v1i8.24603

MUÑOZ, José Esteban. 1999. *Disidentifications: queers of color and the performance of politics*. London, University of Minnesota Press.

